

Relatório RAIS

A inserção socioeconômica dos imigrantes
no mercado de trabalho formal



MJSP - Ministério da Justiça E Segurança Pública

Ministro – Sergio Moro

Secretaria Nacional de Justiça - SNJ Conselho Nacional de Imigração - CNIg

Secretária e Presidente – Maria Hilda Marsiaj Pinto

Departamento de Migrações - Demig

Diretor – André Zaca Furquim

Coordenação Geral de Imigração Laboral – CGIL

Coordenador Geral – Luiz Alberto Matos dos Santos

OBMigra - Observatório das Migrações Internacionais

Coordenação Geral – Leonardo Cavalcanti

Coordenação Estatística – Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira

Coordenação Executiva – Marília F. Ribeiro Macêdo

Equipe técnica – Paulo Dick

Felipe Quintino

Aílton Furtado

Nilo César Coelho

Copyright 2019 – Observatório das Migrações Internacionais

Universidade de Brasília – UnB Campus Darcy Ribeiro Campus Universitário Darcy Ribeiro/UnB, Prédio Multiuso II - Térreo e Primeiro Piso Brasília/DF Brasil CEP: 70910-900.



É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte.

Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Como citar esse texto:

SIMÕES, A; HALLAK NETO, J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACEDO, M. **Relatório RAIS A Inserção socioeconômica dos imigrantes no mercado de trabalho formal**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.

Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados>

Realização:

REALIZAÇÃO:



Apoio:

APOIO:



**COORDENAÇÃO GERAL DE
IMIGRAÇÃO LABORAL | CGIL**



MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA E
SEGURANÇA PÚBLICA



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	6
O IMIGRANTE NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL BRASILEIRO	7
A LOCALIZAÇÃO DOS TRABALHADORES IMIGRANTES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO	12
PERFIL DEMOGRÁFICO DOS TRABALHADORES IMIGRANTES	13
DESIGUALDADES ENTRE OS IMIGRANTES NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL BRASILEIRO	16
NÍVEL DE INSTRUÇÃO DO TRABALHADOR IMIGRANTE	16
INSERÇÃO OCUPACIONAL DO TRABALHADOR IMIGRANTE	19
DESIGUALDADES DE RENDIMENTO ENTRE OS TRABALHADORES IMIGRANTES	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25



Apresentação

Os movimentos migratórios contemporâneos no país diferem das migrações do final do século XIX e princípios do XX, em que os fluxos de imigrantes para o Brasil eram protagonizados por pessoas do norte global, basicamente por europeus. Na atualidade e mais precisamente desde o início da atual década, novos fluxos migratórios vêm ocupando o ranking das principais nacionalidades no país, com destaque para haitianos e venezuelanos. Além de outras nacionalidades como senegaleses, bolivianos, colombianos, bengalis, entre outros.

O conhecimento das principais características sociodemográficas e socioeconômicas dos imigrantes é o primeiro passo para poder formular políticas migratórias adequadas. Nesse sentido, esse documento é uma ferramenta indispensável para uma análise acurada da inserção laboral dos imigrantes. O relatório analisa o estoque dos imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro entre 2010 e 2018, a partir da construção de indicadores estratificados por rendimento do trabalho, escolaridade e inserção ocupacional, desagregados por sexo, cor ou raça e nacionalidades, entre outras análises.

O estudo foi realizado a partir do registro administrativo da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), base de dados do Ministério da Economia. As informações disponibilizadas pela RAIS possuem grande riqueza de detalhes e permite acompanhar as tendências do mercado de trabalho formal para a população imigrante. A informação sobre aspectos conjunturais e estruturais do mercado de trabalho disponíveis no relatório, coloca à disposição de técnicos da administração pública, comunidade acadêmica, organismos internacionais, legisladores e sociedade civil, dados valiosos sobre a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro.

Introdução

As informações disponibilizadas pela Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) são importantes subsídios para o acompanhamento das tendências do mercado de trabalho formal brasileiro. Por ser um registro sobre as características dos trabalhadores, com informações disponibilizadas pelos empregadores, a RAIS possui grande riqueza de detalhes, sendo amplamente utilizada por pesquisadores e formuladores de políticas públicas em análises conjunturais e estruturais do mercado de trabalho.

Para o estudo do comportamento dos imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro o Ministério da Economia disponibilizou ao Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) um estrato com os microdados de 2010 a 2018. Com isso, é possível realizar uma análise descritiva sob diferentes aspectos, tais como volume de imigrantes, principais nacionalidades, localização destes trabalhadores no território nacional, sexo, idade, cor ou raça, escolaridade, inserção ocupacional e rendimento. As informações também permitem avaliar o comportamento do mercado formal de trabalho frente à conjuntura econômica - bastante variada no período observado, em que alternou momentos de crescimento econômico seguido de crise, ambos com efeitos sobre os trabalhadores migrantes.

O presente relatório tem como objetivo descrever as principais característica e tendências dos imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro entre 2010 e 2018 . Pretende-se, da mesma forma, dar um passo adiante buscando evidenciar a existência de desigualdades na inserção dos imigrantes no mercado de trabalho, que tendem a se mostrar mais visíveis quando se faz recortes por nacionalidade ou características específicas dos trabalhadores. Para tanto, serão construídos indicadores estratificados por rendimento do trabalho, escolaridade, e inserção ocupacional, desagregados por sexo, cor ou raça e nacionalidades.



O Imigrante no Mercado de Trabalho Formal Brasileiro

No período que compreende os anos de 2010 a 2018 houve crescimento expressivo do volume de imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro. Este movimento, contudo, esteve condicionado tanto pela dinâmica econômica do período, quanto pela entrada de novas nacionalidades, impulsionadas, sobretudo, por fatores de ordem humanitária. Esta complexidade de fatores, que atuaram em momentos distintos, possibilita a divisão deste período em dois subperíodos, por apresentarem características distintas: a) 2010 a 2014 quando houve crescimento expressivo do volume de imigrantes, movimento que esteve vinculado ao alto dinamismo da economia e ao aquecimento do mercado de trabalho brasileiro; e b) 2015 a 2018 quando o volume de imigrantes sofreu oscilações, em função dos efeitos da crise econômica, mas também da entrada de novos fluxos migratórios, oriundos especialmente da América Latina;

Entre 2010 e 2014 a economia brasileira passava por uma fase de relativo dinamismo, com crescimento médio anual do Produto Interno Bruto (PIB) de 3,4%¹. A economia aquecida produziu efeitos diretos sobre o mercado de trabalho, como a queda da taxa de desemprego e o consequente aumento das oportunidades de trabalho. A taxa de desemprego no país alcançou 6,9%, em 2014², e a geração líquida de empregos formalizados 7,6 milhões nestes 5 anos, ou seja, média anual de 1,5 milhão³.

No plano internacional, países norte-americanos e europeus ainda passavam pelos efeitos da crise econômico-financeira de 2008, convivendo com elevadas taxas de desemprego. Entre os países latino-americanos a crescente influência brasileira no plano regional tornou o país o destino de novos fluxos de trabalhadores, especialmente originários do sul global, com destaque para imigrantes oriundos de países que enfrentavam crises humanitárias como Haiti e, posteriormente, a Venezuela.

Esta conjunção de fatores produziu um cenário positivo à atração de trabalhadores para o mercado formal de trabalho brasileiro. Oriundos de todos os continentes, passaram de 55.148 em 2010 para 116.375 trabalhadores em 2014, crescimento de mais de 100% (Tabela 1). A América Latina apresentou a maior variação, passando de 34,5% do total de trabalhadores imigrantes no início do período para 54,7% em 2014. A imigração haitiana foi a grande responsável por este crescimento, compondo 41,9% do total do volume de trabalhadores imigrantes latino-americanos e 22,9% do total no País, em 2014. Não obstante, outras novas nacionalidades também ganharam relevância neste período, como colombianos, equatorianos, peruanos e venezuelanos, apontando tendência de aumento dos movimentos sul-sul (Oliveira, 2016). Os fluxos mais tradicionais, como argentinos, bolivianos e paraguaios também apresentaram crescimento (Tabela 1).

¹ As informações da RAIS utilizadas nesta publicação se referem ao estoque de emprego de 31/12 de cada ano analisado.

² IBGE, Sistema de Contas Nacionais.

³ IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar Contínua.

⁴ MTE, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados.

Tabela 1
Número absoluto e relativo de trabalhadores imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro
Brasil e continentes – 2010 a 2018

Ano	Total		África		América do Norte		América Latina		Ásia		Europa		Outros	
	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)
2010	55.148	100	388	0,7	2.024	3,7	19.037	34,5	4.339	7,9	16.958	30,7	12.402	22,5
2011	62.423	100	927	1,5	2.472	4,0	24.700	39,6	6.500	10,4	19.091	30,6	8.733	14,0
2012	72.852	100	1.478	2,0	2.759	3,8	31.631	43,4	6.790	9,3	21.129	29,0	9.065	12,4
2013	92.011	100	2.521	2,7	2.857	3,1	45.543	49,5	8.146	8,9	23.085	25,1	9.859	10,7
2014	116.375	100	5.318	4,6	2.876	2,5	63.690	54,7	10.722	9,2	23.759	20,4	10.010	8,6
2015	127.879	100	6.796	5,3	2.619	2,0	74.966	58,6	11.283	8,8	22.592	17,7	9.623	7,5
2016	113.295	100	7.011	6,2	2.248	2,0	65.422	57,7	9.967	8,8	19.874	17,5	8.773	7,7
2017	122.658	100	7.360	6,0	2.125	1,7	76.698	62,5	8.553	7,0	17.754	14,5	10.168	8,3
2018	136.329	100	7.860	5,8	2.085	1,5	92.406	67,8	8.444	6,2	16.247	11,9	9.287	6,8

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2010-2018.

Nota: A categoria "Outros" inclui a Oceania e os registros de migrantes não especificados por continentes.

A Europa, segundo continente com maior representatividade no volume de trabalhadores imigrantes, apresentou crescimento relativamente menor do que o observado na América Latina e mesmo em relação à Ásia. Ainda assim entraram 6.801 trabalhadores entre 2010 e 2014, 28,8% destes provenientes de Portugal que, em 2014, concentrava 44,5% do total de trabalhadores europeus no País. Desde o início da série histórica, em 2010, foi Portugal que possuía o maior volume de trabalhadores no mercado de trabalho formal brasileiro, fato que se modifica já a partir de 2013, com a predominância dos imigrantes haitianos no mercado de trabalho formal brasileiro. Trabalhadores espanhóis, franceses e italianos também ampliaram sua participação.

O crescimento da participação de imigrantes oriundos da África e da Ásia também merece ser mencionado, pois juntos, estes dois continentes representavam cerca de 14,0% do volume de imigrantes (16.040 trabalhadores) em 2014. Em 2010 eram apenas 4.727 trabalhadores (8,6%).

A partir de meados de 2014 a economia brasileira entrou em declínio, com efeitos sobre o mercado de trabalho doméstico já em 2015, quando a taxa de desemprego aumentou de 6,9% para 8,8% (IBGE, 2017). Entre os trabalhadores imigrantes formais, contudo, os impactos foram sentidos somente em 2016 quando houve queda significativa em seu volume. Segundo Oliveira (2016), esta dinâmica foi movida principalmente pelo comportamento dos trabalhadores haitianos, que estavam, em boa parte, ocupados no final da cadeia produtiva do agronegócio, no segmento de abate de animais direcionados para exportação, atividade econômica que resistiu aos primeiros efeitos da crise.

De fato, em virtude de sua elevada representatividade, o comportamento dos trabalhadores haitianos é determinante nas oscilações do volume total de trabalhadores, especialmente neste período inicial, dado que os fatores predominantes para entrada destes contingentes não foram exclusivamente relacionados à dinâmica econômica brasileira. De acordo com Handerson (2014) a historiografia da emigração

⁵ De acordo com o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE) da FGV a recessão teve início no segundo trimestre de 2014, após um pico no ciclo de negócios no primeiro trimestre daquele ano (ver CODACE, 2015).

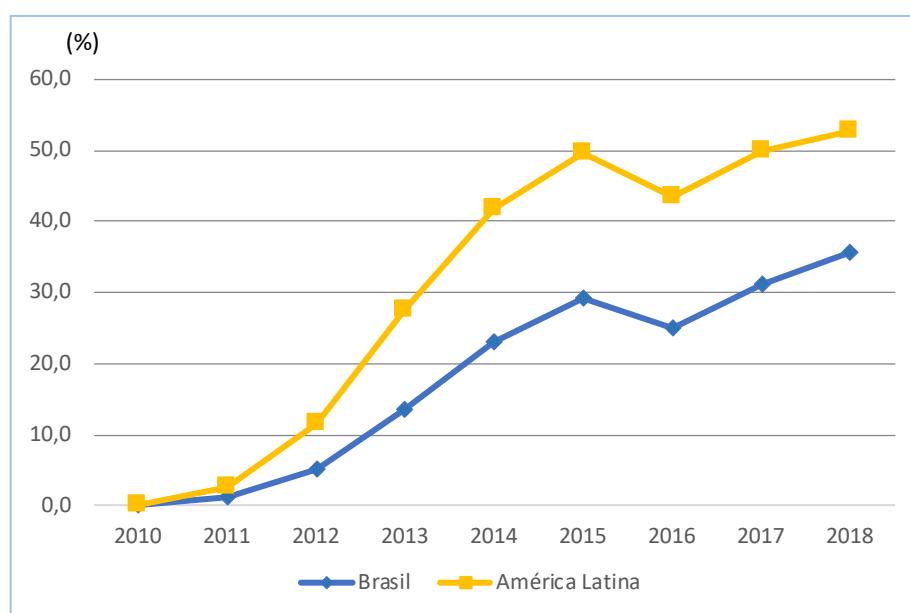


haitiana no século XX pode ser resumida em quatro grandes fluxos em períodos diferentes. Alguns territórios como a República Dominicana, Estados Unidos, França e algumas ilhas, caribenhas (Bahamas, Martinica, Guadalupe) e Guiana Francesa têm uma permanência importante nessas diferentes configurações da (e)migração. O Brasil surge como destino a partir do terremoto e inicialmente esteve ligado à Guiana Francesa, pois boa parte não pretendia ficar no Brasil e utilizava o país como corredor, uma etapa para chegar ao Departamento ultramarino francês. A conjunção entre as dificuldades de entrar na Guiana Francesa, a catástrofe humanitária, por causa do terremoto que assolou o Haiti, e o boom da economia brasileira no início da presente década possibilitaram a conjuntura

necessária para o importante fluxo haitiano para o Brasil. Paulatinamente a escolha pelo território brasileiro por parte de imigrantes haitianos já representa o quarto destino dessa emigração (Handerson, 2014). Os haitianos exercem forte influência nas transformações das características dos fluxos de trabalhadores, como será analisado mais adiante.

Neste sentido, cabe apontar que a posterior recuperação do volume de trabalhadores imigrantes, tanto em 2017 quanto em 2018, no contexto de manutenção de crise econômica, se deve, especialmente, à retomada de entradas de trabalhadores haitianos que, inclusive, ampliaram sua participação dentre os trabalhadores imigrantes do Brasil, chegando a 35,7% em 2018 .

Gráfico 1
Proporção de trabalhadores haitianos entre latino-americanos e entre o total de imigrantes no mercado de trabalho formal do Brasil -2010 a 2018



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2010-2018.

⁶Entre 2017 e 2018 a imigração de trabalhadores venezuelanos também contribuiu para o crescimento do volume de trabalhadores no mercado de trabalho formal brasileiro.

Por outro lado, embora tenha atingido 52,6% do volume dos trabalhadores imigrantes em 2018 na América Latina, o peso da migração haitiana não foi o único fator responsável pela recuperação do volume de imigrantes no mercado de trabalho formal, a partir de 2017, nesta região. Esta contou também com a participação de trabalhadores oriundos de nacionalidades que ampliaram recentemente sua participação no mercado formal de trabalho, como colombianos, peruanos, equatorianos e, principalmente, os venezuelanos. Estes últimos apresentaram crescimento considerável nos últimos quatro anos, passando de 1,2% do total de trabalhadores imigrantes latino-americanos, em 2015, para 8,0%, em 2018.

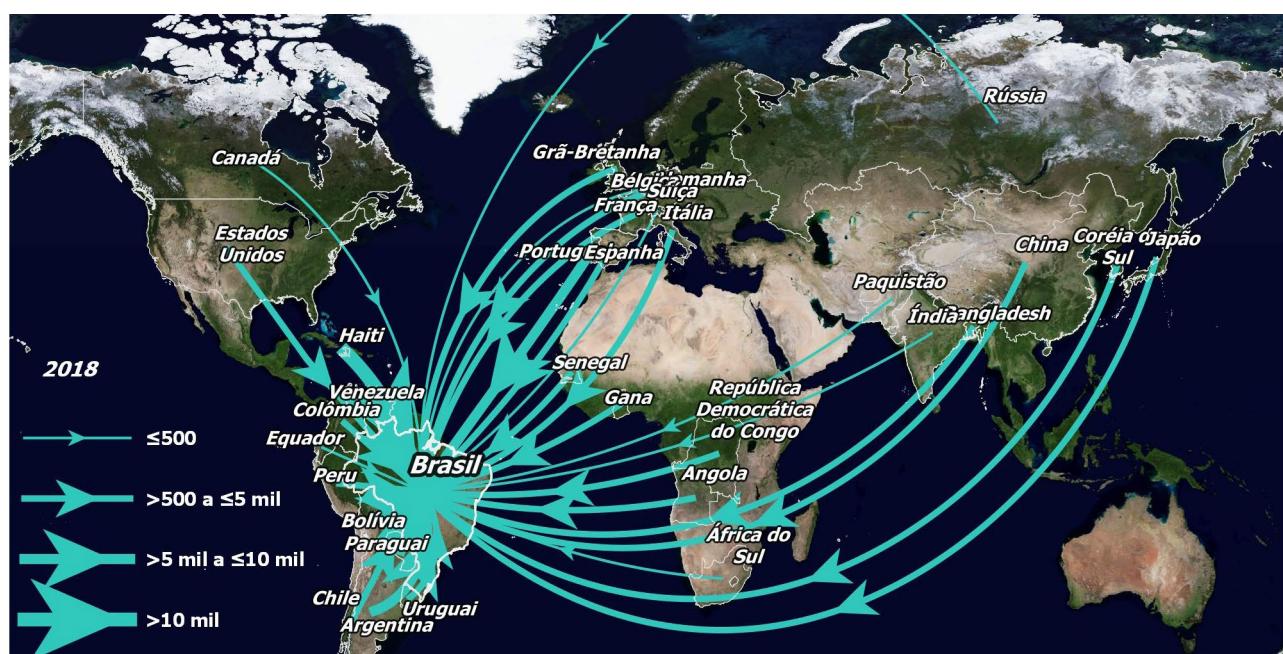
Tal movimento foi responsável pelo crescimento da participação dos trabalhadores oriundos de países da América Latina no mercado de trabalho formal brasileiro, que perdurou mesmo durante a crise econômica. Dessa forma a importância crescente dos movimentos sul-sul foi reforçada, com destaque para o comportamento dos trabalhadores haitianos e venezuelanos. Para ilustrar, em 2018 os latino-americanos representavam

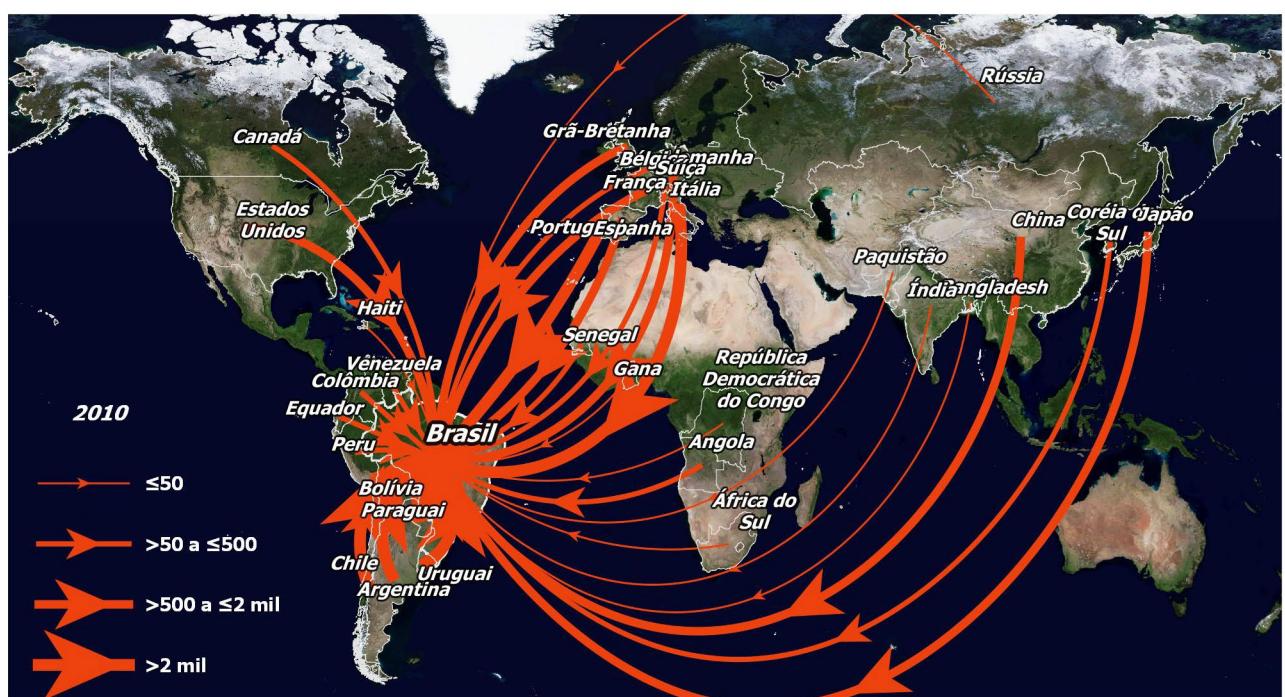
67,8% do total de trabalhadores imigrantes no Brasil, ante 54,7% de 2014 e 34,5% de 2010.

Por outro lado, os imigrantes de origem europeia sofreram significativa queda, com a participação de trabalhadores declinando de 20,4% para 11,9%, entre 2014 e 2018. Uma possível explicação para esta trajetória está na conjunção da crise econômica brasileira com o processo de recuperação econômica da Europa, que criou um ambiente propício ao retorno dos imigrantes oriundos destes países (Simões, 2018).

A análise no período total de referência, no entanto, constata a ampliação da entrada de trabalhadores imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro, entre 2010 e 2018, com destaque para os latino-americanos, bem como para os africanos - estes com crescimento contínuo (Figura 1). Cabe ressaltar que novas nacionalidades cumpriram importante papel nesta dinâmica. Por sua vez, fluxos tradicionais, mesmo com crescimento entre os anos analisados, foram mais afetados pela crise econômica. Tal comportamento pode ser notado em países europeus e da América do Norte, assim como entre alguns latino-americanos, a exemplo da Argentina, Uruguai, Bolívia e Chile.

Figura 1
**Volume de Trabalhadores Imigrantes no Mercado Formal de Trabalho,
segundo nacionalidade dos imigrantes – 2010, 2014 e 2018**



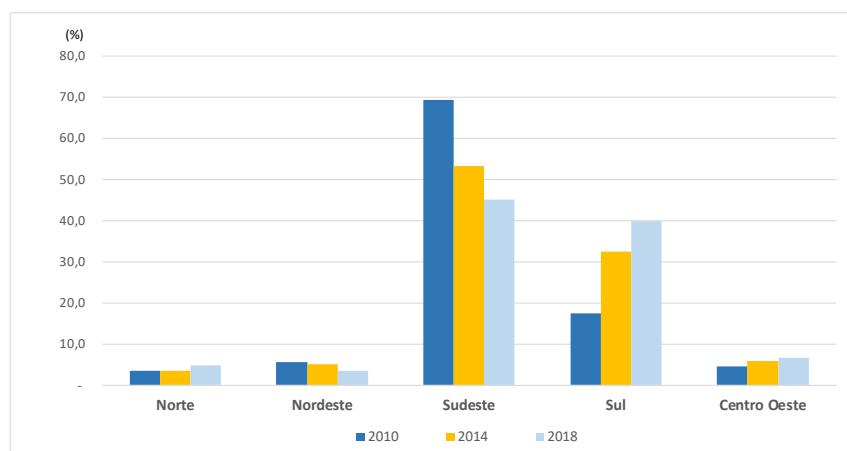


A Localização dos Trabalhadores Imigrantes no Território Brasileiro

A maior diversidade de nacionalidades, aliado à intensificação da entrada dos trabalhadores imigrantes no país, foi responsável por mudanças significativas no destino dos mesmos, que até 2010 estavam fortemente concentrados na Região Sudeste. Cabe apontar, primeiramente, que o aumento da entrada de haitianos promoveu forte desconcentração de trabalhadores para a Região Sul, onde, como men-

cionado, passaram a ocupar postos em atividades como as de abate de animais para exportação. Tal movimento, entretanto, não foi suficiente para retirar do Sudeste o posto de principal receptor de trabalhadores ao longo do período analisado, mesmo com a redução do volume de imigrantes observada para esta região durante os anos de crise econômica, como mostra a Gráfico 2.

Gráfico 2
Proporção de trabalhadores migrantes no Brasil
Grandes Regiões - 2010/2014/2018



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS- CTPS estoque, 2010-2018

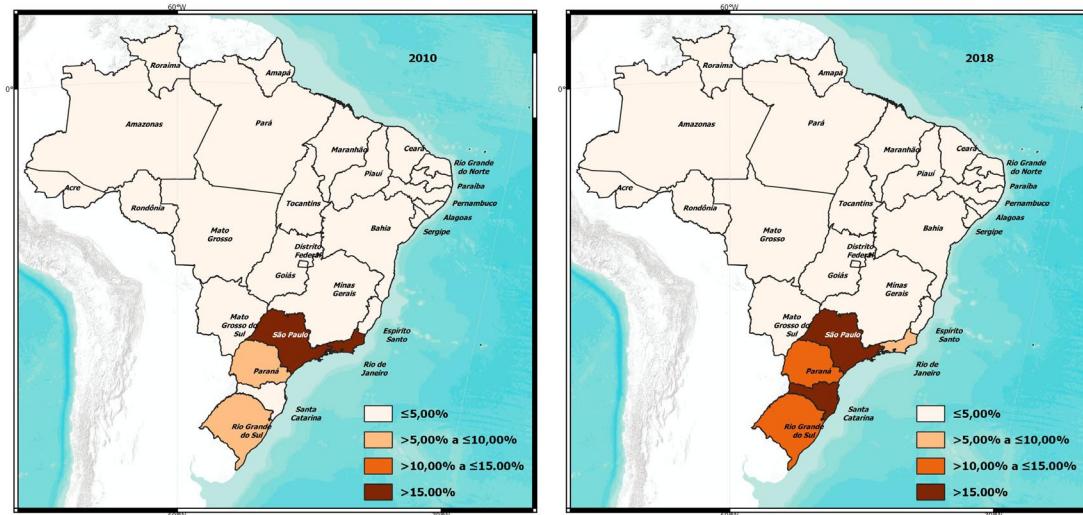
Com essa nova dinâmica o estado de São Paulo, que em 2010 concentrava 48,5% do total de trabalhadores imigrantes, passou a responder por 33,5 % em 2018, ao passo que Paraná e Santa Catarina passaram de, respectivamente, 6,5% e 4,6% para

13,4% e 15,6%. O estado do Rio de Janeiro sofreu redução contínua, inclusive em volume absoluto, após o início da crise econômica, chegando a 2018 com apenas 7,1% dos trabalhadores imigrantes ante os 15,8% em 2010.

⁷ A crise econômica iniciada em 2015 afetou particularmente o estado do Rio de Janeiro, que passou de uma das mais baixas taxas de desemprego dentre as Unidades da Federação em 2014 (6,8%), para uma das mais elevadas (14,7%) em 2018. Dados: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.



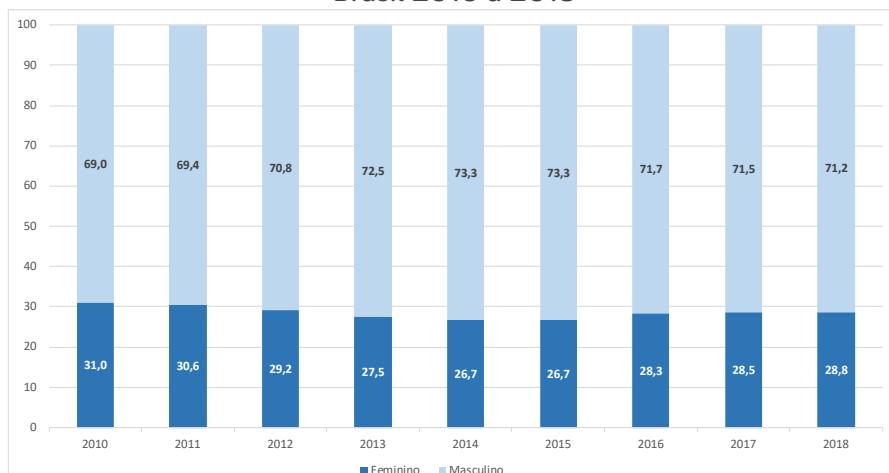
Figura 2
Distribuição Percentual dos Trabalhadores Imigrantes no Mercado Formal de Trabalho
Segundo Unidades da Federação – 2010 e 2018



Perfil Demográfico dos Trabalhadores Imigrantes

Ao longo do período analisado foi predominante a presença de homens dentre os trabalhadores imigrantes, seguindo o padrão relacionado às migrações por trabalho. A diferença aumentou até 2014, quando os homens chegaram a compor 73,3% da mão de obra estrangeira, ante os 69,0% observados em 2010. A partir de 2016 houve ampliação da participação feminina no mercado de trabalho, que se manteve estável desde então, por ocasião de dois movimentos: os efeitos da crise econômica que atingiram setores que tradicionalmente empregam mais homens, como a Construção e a Indústria de transformação. Reforçando o movimento anterior, houve também redução na entrada de trabalhadores haitianos em 2016, grupo de imigrantes com elevada participação masculina.

Gráfico 3
Proporção de migrantes no mercado formal de trabalho por sexo
Brasil 2010 a 2018



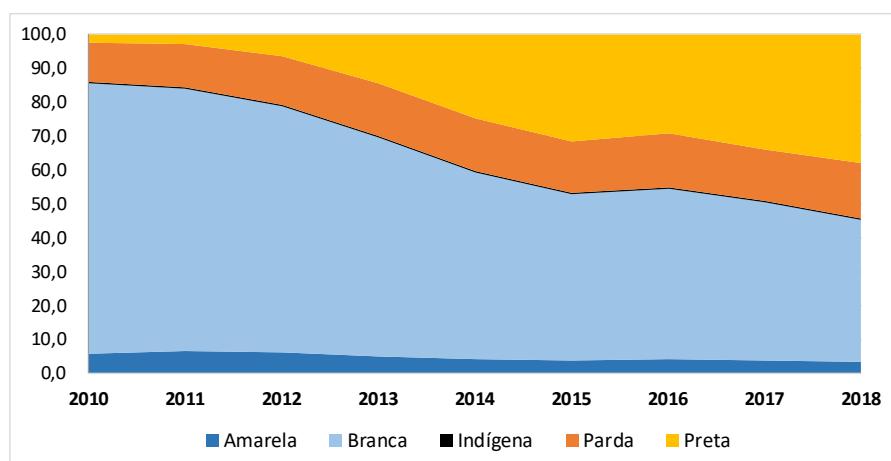
Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS- CTPS estoque, 2010-2018

Em 2010 mais da metade (54,3%) dos trabalhadores imigrantes tinha entre 40 e 65 anos de idade, revelando uma força de trabalho mais madura, vinculada a movimentos migratórios mais tradicionais. Com a intensificação do volume de trabalhadores e o crescente peso das novas nacionalidades o perfil etário desses imigrantes começa a se deslocar para as idades mais jovens, em que trabalhadores entre 20 e 40 anos que, em 2010, compunham 38,8% do total, passam a compor 62,9%, em 2018.

A distribuição da população imigrada por cor ou raça também revela a influência das novas nacio-

nalidades, com especial atenção para o crescimento da população de cor preta ou parda ao longo da série histórica. Em 2010 ambas, somadas, representavam 13,9% dos trabalhadores imigrantes, chegando a 54,4% em 2018, tendo os trabalhadores de cor preta aumento ainda mais expressivo, por conta da intensificação das migrações oriundas de países africanos e, especialmente, do Haiti. Por outro lado, os trabalhadores brancos reduziram sua participação de, respectivamente, 79,8% para 46,7%, tendência também observada para aqueles de cor amarela (Gráfico 4).

Gráfico 4
Distribuição percentual de migrantes no mercado formal de trabalho por cor ou raça
2010 a 2018



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS- CTPS estoque, 2010-2018

⁸ Na RAIS a declaração de cor ou raça, bem como as demais informações que constam na base de dados, é fornecida pelo empregador, diferentemente das pesquisas domiciliares do IBGE, em que as informações são obtidas por meio de autodeclaração do entrevistado.

⁹ A cor ou raça Amarela tem relação com a origem asiática.



Desigualdades entre os Imigrantes no Mercado de Trabalho Formal Brasileiro

Como colocado até o momento a dinâmica dos trabalhadores imigrantes não apresentou comportamento linear ao longo do período analisado, sendo influenciada tanto pela conjuntura econômica nacional, quanto por fatores relacionados às especificidades de cada país de nacionalidade. Estas questões, no entanto, não alteraram características básicas dos fluxos de trabalhadores que, quando estratificadas por variáveis socioeconômicas como educação, ocupação e renda, revelam desigualdades marcantes no acesso destes ao mercado de trabalho. Cabe ressaltar que, em tese, a associação entre estas três variáveis é determinante para o posicionamento dos trabalhadores imigrantes na estrutura laboral, ou seja, níveis de instrução elevados tendem a produzir melhor inserção ocupacional que, por sua vez, levam o trabalhador a auferir maiores rendimentos.

Para parte dos trabalhadores imigrantes, no entanto, essa associação não é direta, ou seja, o fato de possuírem escolaridade elevada não garante que os mesmos tenham inserção em ocupações de maior *status* e nem que auifiram maiores rendimento. Este comportamento está relacionado a diferentes fatores de ordem estruturais, que podem ser melhor compreendidos quando a análise leva em consideração as características socio-demográficas dos imigrantes. Cabe apontar, da mesma forma, a nacionalidade de origem destes trabalhadores como importante fator para a inserção diferenciada dos trabalhadores na estrutura ocupacional. As seções a seguir procuram aprofundar esta discussão a partir da análise da inserção educacional e ocupacional dos trabalhadores imigrantes, bem como discutir seus efeitos sobre os rendimentos do trabalho.

Nível de Instrução do Trabalhador Imigrante

Em 2010 o perfil educacional do trabalhador imigrante era, em sua maioria, de nível Superior completo ou mais (54,6%), seguindo do nível Médio completo (25%). Tal composição, que refletia um padrão de migração mais tradicional, com peso mais elevado dos trabalhadores europeus, sofreu mudanças em decorrência, principalmente, da entrada dos novos fluxos migratórios oriundos da América Latina e África, conforme apontado na Tabela 1 anteriormente.

Com esta nova configuração, houve ampliação da proporção de imigrantes com nível médio completo – que passou para 39,5% em 2018 - e redução significativa do peso dos trabalhadores de nível superior (28,1%). Da mesma forma houve crescimento da participação de

trabalhadores com escolaridade abaixo do nível Médio completo, principalmente na categoria Sem instrução ou fundamental incompleto, categoria que aumentou sua participação de 5,1% para 13,0% no período analisado. Dentre os latino-americanos, o peso dos trabalhadores que possuíam até o ensino Médio completo passou de 53,6%, em 2010, para 80,4%, em 2018, enquanto dentre os europeus houve redução de, respectivamente, 39,7% para 33,7%, o que indica, provavelmente, que a crise econômica atingiu com mais intensidade os trabalhadores oriundos deste continente com baixa escolaridade. Tal avaliação é reforçada pelo aumento do peso dos trabalhadores imigrantes europeus com nível superior, que passaram de 55,9%, em 2010, para 63,0% do total, em 2018 (Tabela 2).

Tabela 2
Número absoluto e proporção de trabalhadores imigrantes no mercado
de trabalho formal brasileiro por nível de instrução
2010 e 2018

Nível de Instrução 2010 e 2018	Total		África		América do Norte		América Latina		Ásia		Europa		Outros	
	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)	(n. abs)	(%)
Total (2010)	55.148	100	388	100	2.024	100	19.037	100	4.339	100	16.958	100	12.402	100
Sem instrução ou fund. incompleto	2.822	5,1	99	25,5	7	0,3	1.223	6,4	225	5,2	975	5,7	293	2,4
Fundamental completo	3.346	6,1	49	12,6	14	0,7	1.481	7,8	234	5,4	1.106	6,5	462	3,7
Médio incompleto	2.033	3,7	32	8,2	21	1,0	1.067	5,6	184	4,2	475	2,8	254	2,0
Médio completo	14.250	25,8	106	27,3	210	10,4	6.438	33,8	1.162	26,8	4.178	24,6	2.156	17,4
Superior incompleto	2.580	4,7	26	6,7	92	4,5	1.003	5,3	213	4,9	736	4,3	510	4,1
Superior completo	30.117	54,6	76	19,6	1.680	83,0	7.825	41,1	2.321	53,5	9.488	55,9	8.727	70,4
Total (2018)	136.329	100	7.860	100	2.085	100	92.406	100	8.444	100	16.247	100	9.287	100
Sem instrução ou fund. incompleto	17.747	13,0	1.236	15,7	15	0,7	15.193	16,4	394	4,7	439	2,7	470	5,1
Fundamental completo	13.703	10,1	974	12,4	15	0,7	11.267	12,2	467	5,5	568	3,5	412	4,4
Médio incompleto	8.952	6,6	453	5,8	33	1,6	7.515	8,1	366	4,3	320	2,0	265	2,9
Médio completo	53.793	39,5	3.658	46,5	272	13,0	40.287	43,6	3.174	37,6	4.155	25,6	2.247	24,2
Superior incompleto	3.829	2,8	350	4,5	93	4,5	2.299	2,5	334	4,0	535	3,3	218	2,3
Superior completo	38.305	28,1	1.189	15,1	1.657	79,5	15.845	17,1	3.709	43,9	10.230	63,0	5.675	61,1

Fonte: Elaborado pela OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS- CTPS estoque, 2010 e 2018

Nota: A categoria "Outros" inclui a Oceania e os registros de migrantes não especificados por continentes

A participação dos trabalhadores imigrantes originários da América Latina com até o nível fundamental completo passou de 14,2% para 28,6% entre 2010 e 2018. Já para os imigrantes de origem africana, este percentual chegou a cerca de um terço dos trabalhadores no último ano. Por sua vez, para os trabalhadores imigrantes da América do Norte somente 1,4% possuíam o nível Fundamental completo ou inferior, enquanto Europa e Ásia registraram, respectivamente, 6,2% e 10,2% até estes níveis de ensino (Tabela 2).

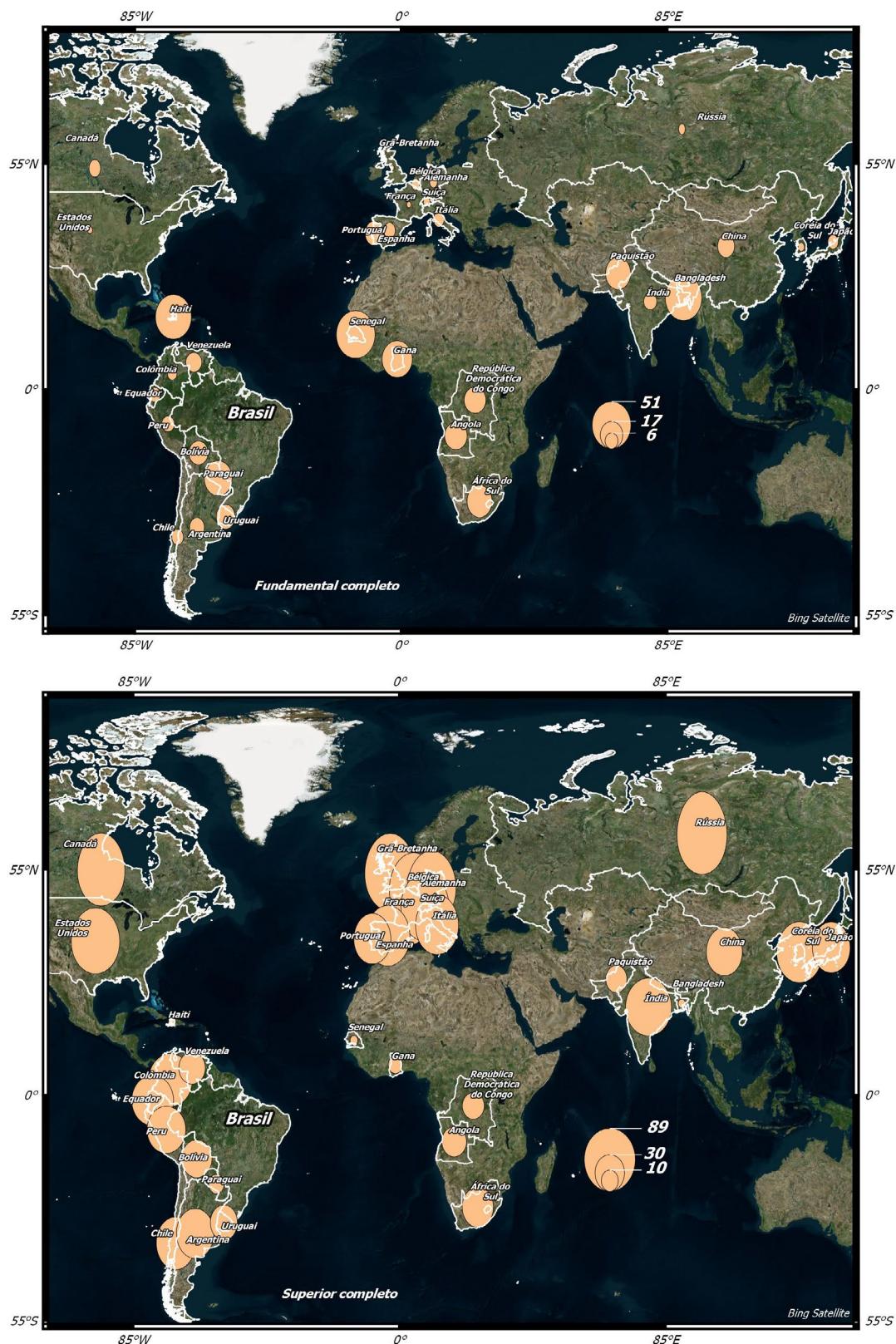
Já entre os países com trabalhadores com maiores níveis de instrução, cabe apontar os britânicos (86,3%), norte-americanos (79,3%) e alemães (79,5%). Ainda que na América Latina e, em menor proporção, na Ásia, o peso dos trabalhadores com nível superior seja inferior ao observado na Europa – no primeiro caso foi de apenas 17,1% em 2018 – existem nacionalidades onde essa proporção está acima da média dos respectivos continentes, como os casos de Colômbia (65,1%), Chile (52,1%), Índia (71,9%) e Coréia do Sul (70,8%). No Haiti, por outro lado, a proporção de trabalhadores com nível superior foi de apenas 1,7%..

¹⁰ Migrantes de origem de países como Haiti (54,8%) e Paraguai (37,0%) possuem elevada participação com escolaridade abaixo do nível Médio completo, sendo a migração haitiana a maior responsável pelo crescimento dos trabalhadores com apenas o nível Fundamental completo no resultado para a América Latina. Angolanos (22,5%) e senegaleses (54,4%) na África, também possuem percentuais elevados trabalhadores com este nível de instrução.

¹¹ A denominação norte-americana utilizada neste texto refere-se aos migrantes oriundos exclusivamente dos Estados Unidos da América.

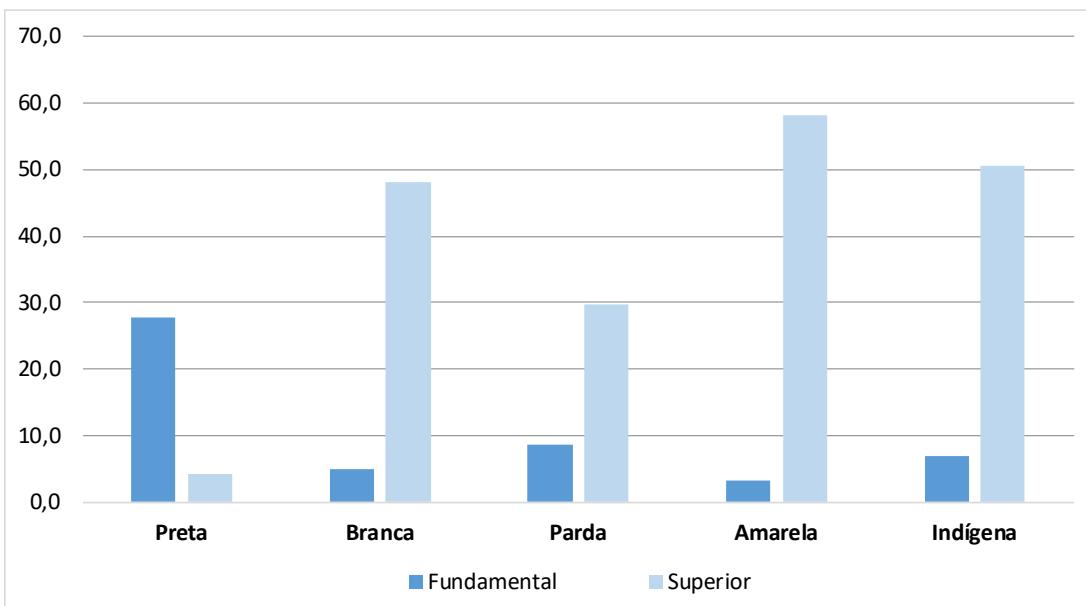


Figura 3
**Proporção de Trabalhadores Imigrantes no Mercado de Trabalho Formal,
 por nível de instrução fundamental e superior, segundo países – 2010 e 2018**



As desigualdades educacionais são igualmente marcantes quando o recorte passa a considerar a cor ou raça dos trabalhadores, uma vez que 27,7% daqueles de cor preta possuíam apenas o nível Fundamental completo e somente 4,2% o Superior completo, em 2018. Com relação aos pardos, a proporção foi de, respectivamente, 8,6% e 29,8%. Por outro lado, cerca de 48,2% dos trabalhadores de cor branca possuíam este último nível de instrução completo e somente 5,0% o Fundamental completo. Os trabalhadores de cor amarela e indígena apresentaram padrão semelhante à população de cor branca (Gráfico 5).

Gráfico 5
Proporção de trabalhadores no mercado de trabalho formal por cor ou raça, segundo nível de instrução
Brasil – 2018



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS- CTPS estoque, 2010 e 2018.

Em relação ao sexo, entre 2010 e 2018, observou-se queda na participação tanto de homens quanto de mulheres com nível Superior completo. Esta queda, no entanto, foi mais pronunciada para os primeiros, que em 2010 apresentavam participação semelhante à das mulheres, com cerca de 54,5% de trabalhadores

neste nível. Em 2018, essa proporção foi de, respectivamente, 26,3% e 32,5% para homens e mulheres. Por outro lado, foi registrado crescimento na proporção de homens e mulheres com ensino Fundamental completo que passaram de, respectivamente, 12,0% e 9,5% em 2010, para 24,2% e 20,3% em 2018.

Inserção ocupacional do trabalhador imigrante

A análise da escolaridade dos trabalhadores imigrantes fornece as bases para uma discussão mais qualificada de sua inserção ocupacional, já que existe associação entre estas duas categorias. Em trabalho anterior, Simões (2018) mostrou que cerca de 75% dos imigrantes com pelo menos o nível superior completo se encontrava em cargos de direção, gerência, ensino e pesquisa científica, ocupações consideradas como de maior *status* que estão, por sua vez, no topo da hierarquia sócio ocupacional. Por sua vez, 91,6 % dos trabalhadores com até o Fundamental completo estão em ocupações de natureza técnica, como os trabalhadores em serviços administrativos, trabalhadores nos serviços, trabalhadores na produção de bens e serviços industriais, etc.

Com a ampliação do número de trabalhadores com escolaridade abaixo no nível Médio, houve, por consequência, aumento do peso da participação dos mesmos em ocupações de natureza técnica. Tal dinâmica foi responsável por uma mudança estrutural nas características de inserção ocupacional destes trabalhadores que, em 2010, apresentavam maior concentração dentre nos grupos ocupacionais de maior status como grupos Diretores e Gerentes (19,1%) e Profissionais das Ciências e Intelectuais (29,3%), totalizando quase 50,0% dos trabalhadores imigrantes. Em 2018, esses dois grupos juntos respondiam por apenas 23,0%.

Por outro lado, houve crescimento da participação das ocupações de natureza técnica como, por exemplo, os Trabalhadores nos Serviços e

Vendedores que passaram de 11,2% em 2010 para 23,0% em 2018 e os Trabalhadores na Produção de Bens e Serviços Industriais, que chegaram a 35,1% dos ocupados em 2018, ante os 12,6% em 2010 (Tabela 3).

Esta variação, no entanto, foi diferenciada quando se leva em consideração desagregações por grupos específicos. Cabe apontar, neste sentido, que entre as mulheres há participação maior dentre os Trabalhadores e Vendedores, ao passo que entre os homens é maior a participação dentre Trabalhadores na Produção de Bens e Serviços Industriais. Da mesma forma, os Profissionais das Ciências e Intelectuais possuem maior participação entre as mulheres, ao passo que entre os homens há maior representatividade entre os Diretores e Gerentes. Em ambos os casos, contudo, houve queda na participação nas ocupações destes dois grupos ocupacionais (Tabela 3).

Na desagregação por cor ou raça observa-se que a queda na participação dos trabalhadores nos três grandes grupos ocupacionais de mais elevado *status* não foi tão forte entre os trabalhadores brancos em comparação, por exemplo, com os trabalhadores de cor preta. Para os imigrantes de cor branca houve redução de 47,1%, em 2010, para 40,8%, em 2018, ao passo que entre aqueles de cor preta a queda foi de 24,0% para 1,7%, no mesmo intervalo temporal (Tabela 3). Cabe apontar, neste último caso, o peso dos trabalhadores haitianos, cuja entrada no mercado de trabalho foi basicamente em ocupações de natureza técnica.

Tabela 3
**Proporção de Trabalhadores Imigrantes no Mercado Formal de Trabalho,
 por sexo e cor ou raça, segundo grupos ocupacionais
 2010 e 2018**

Grupos Ocupacionais	Total (%)	Sexo		Cor ou Raça				
		Feminino	Masculino	Amarela	Branca	Indígena	Parda	Preta
2010 (Total)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Membros das Forças Armadas	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Diretores e Gerentes	19,1	11,4	22,6	27,3	21,6	11,0	12,8	4,9
Prof. Ciências e Intelectuais	29,3	33,3	27,5	25,8	25,5	18,0	22,9	19,1
Técnicos de nível médio	11,9	13,2	11,3	11,0	12,3	13,0	12,6	10,4
Trab. de serviços administrativos	13,3	21,2	9,8	16,4	13,6	11,0	14,0	14,0
Trab. Serviços e vendedores	11,2	14,2	9,9	9,9	12,1	9,5	13,1	14,1
Trabalhadores Agrop., florest. e pesca	0,7	0,3	0,8	0,9	0,6	0,5	1,1	0,6
Trab. Prod. Bens e Serv. Industriais	12,6	6,1	15,5	7,9	12,4	35,0	20,2	33,0
Trab. Serviços repar. e manutenção	1,8	0,2	2,6	0,7	1,8	2,0	3,2	3,9
2018 (Total)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Membros das Forças Armadas	0,1	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0
Diretores e Gerentes	8,9	7,1	9,6	26,1	16,8	7,4	6,5	0,4
Prof. Ciências e Intelectuais	14,0	17,8	12,5	24,3	24,0	34,4	16,6	1,3
Técnicos de nível médio	6,1	7,4	5,6	9,7	9,4	11,0	7,5	1,7
Trab. de serviços administrativos	10,3	14,6	8,6	16,1	12,6	10,3	12,7	6,4
Trab. Serviços e vendedores	23,0	31,4	19,6	14,0	17,3	10,8	25,9	25,9
Trabalhadores Agrop., florest. e pesca	0,9	0,3	1,2	0,4	0,6	0,0	1,2	1,2
Trab. Prod. Bens e Serv. Industriais	35,1	21,0	40,7	8,4	17,6	25,1	27,4	61,6
Trab. Serviços repar. e manutenção	1,6	0,2	2,2	1,0	1,6	1,1	2,1	1,5

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS- CTPS estoque, 2010 e 2018.

Na análise agregada por continentes observa-se que, em 2018, trabalhadores africanos e latino-americanos, que apresentavam menor nível de instrução, estavam mais presentes em ocupações de natureza técnica, como trabalhadores na produção de bens e serviços industriais e trabalhadores nos serviços e vendedores, enquanto os trabalhadores originários da América do Norte e

da Europa possuíam maior presença em ocupações de Diretores, gerentes e Profissionais das ciências e intelectuais. Considerando a origem do imigrante nestes dois continentes não se registraram alterações significativas em relação a 2010, com exceção da redução do número de trabalhadores vindos da América do Norte em ocupações de Diretores e gerentes (Tabela 4).



Tabela 4
**Número de trabalhadores imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro,
segundo continentes, por grupos ocupacionais**
2010 e 2018

Grupos Ocupacionais (n. abs.)	Africa	América do Norte	América Latina	Ásia	Europa	Outros	Total
Total (2010)	388	2.024	19.037	4.339	16.958	12.402	55.148
Membros da Forças Armadas	0	0	0	0	0	0	0
Diretores e Gerentes	21	547	2.416	1.199	4.342	2.016	10.541
Prof. Ciências e Intelectuais	39	924	4.277	1.030	4.254	5.622	16.146
Técnicos de nível médio	24	217	2.388	448	2.116	1.371	6.564
Trabalhadores de serviços administrativos	47	197	2.498	708	2.543	1.359	7.352
Trab. Serviços e vendedores	55	62	2.886	537	1.842	814	6.196
Trabalhadores Agrop., florest. e pesca	2	4	255	38	38	31	368
Trab. Prod. Bens e Serv. Industriais	194	62	3.824	334	1.513	1.032	6.959
Trab. Serviços repar. e manutenção	6	11	490	45	302	157	1.011
Ignorado	0	0	3	0	8	0	0
Total (2018)	7.860	2.085	92.406	8.444	16.247	9.287	136.329
Membros da Forças Armadas	2	2	25	1	13	36	79
Diretores e Gerentes	168	431	3.984	1.941	4.521	1.037	12.082
Prof. Ciências e Intelectuais	457	1.008	7.659	1.464	4.459	4.046	19.093
Técnicos de nível médio	356	256	4.488	750	1.869	643	8.362
Trabalhadores de serviços administrativos	877	208	8.679	1.323	2.110	854	14.051
Trab. Serviços e vendedores	2.581	138	24.186	1.460	1.782	1.186	31.333
Trabalhadores Agrop., florest. e pesca	73	3	1.134	20	34	22	1.286
Trab. Prod. Bens e Serv. Industriais	3.170	34	40.622	1.387	1.237	1.358	47.808
Trab. Serviços repar. e manutenção	176	5	1.629	98	222	105	2.235
Ignorado	0	0	3	0	8	0	0

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2010 e 2018.

Nota: A categoria "Outros" inclui a Oceania e os registros de migrantes não especificados por continentes.

Já entre os latino-americanos houve redução relativa da participação de trabalhadores nas ocupações de maior *status*, o que pode ser explicado pela presença crescente de haitianos, com forte concentração (63,3%) nas ocupações relacionadas à produção de bens e serviços industriais. Os trabalhadores bolivianos (40,9%) e paraguaios (39,1%) também apresentaram

elevada participação neste último grupo ocupacional, enquanto venezuelanos (42,6%) estavam mais presentes entre os trabalhadores nos serviços e vendedores. Colombianos (51,7%) e argentinos (40,1%), por sua vez, registraram maior presença entre os grupos diretores e gerentes e profissionais das ciências e intelectuais.

¹² Em termos absolutos, no entanto, houve crescimento da participação de trabalhadores inseridos nestas ocupações, especialmente entre os profissionais das ciências e intelectuais, que tiveram variação positiva de 86,1%.

Desigualdades de Rendimento entre os Trabalhadores Imigrantes

As análises feitas até o momento revelaram que, no geral, trabalhadores imigrantes oriundos de países do Sul Global, especialmente dos continentes africano e latino-americano, apresentaram níveis de instrução inferiores ao dos trabalhadores com origem no Norte Global. Este resultado também é notado na análise de sua inserção ocupacional e ganha contornos mais definidos quando são realizados recortes por sexo e cor ou raça.

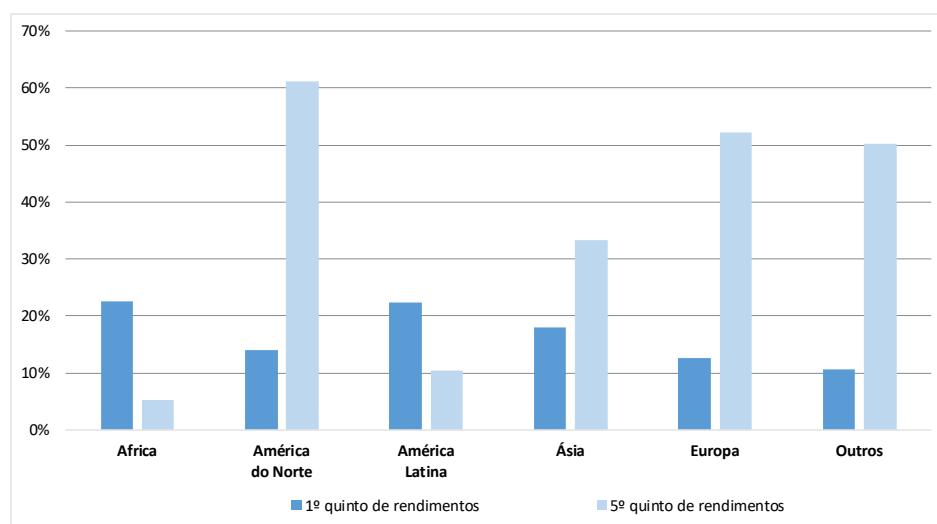
Tal dinâmica tende a produzir diretamente impacto no rendimento médio auferido pelos trabalhadores, o que pode ser notado, por exemplo, nas diferenças encontradas na distribuição, por continentes e países, da proporção de trabalhadores que se encontraram nas

classes com os menores rendimentos médios (1º quinto) vis a vis aqueles trabalhadores nas classes com os maiores rendimentos médios (5º quinto).

Cabe apontar, neste sentido, que trabalhadores africanos (22,6%) e latino-americanos (22,3%) possuem maior proporção no 1º quinto de rendimento quando comparado com países europeus (12,7%) e asiáticos (18,0%). Por outro lado, estes últimos continentes apresentam respectivamente, 52,2% e 33,3% de seus trabalhadores dentre aqueles com os maiores rendimentos (5º quinto). Os continentes africanos e latino-americanos, por outro lado, possuem apenas 5,3% e 10,4%, respectivamente, de seus trabalhadores nesta última condição (Gráfico 6).

Gráfico 6

Proporção de trabalhadores imigrantes no mercado formal de trabalho por quintos mais baixo e mais elevado de rendimento médio total dos imigrantes
Continentes – 2018



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2010 e 2018.
Nota: A categoria "Outros" inclui a Oceania e os registros de migrantes não especificados por continentes.

¹³ Esta forma de análise, chamada de análise por quintos de rendimentos, estratifica o rendimento médio de todos os migrantes em cinco classes (quintos), ou seja, o valor do rendimento médio mensal de 20% dos trabalhadores com menores rendimentos, e subsequentemente repetindo-se intervalos de classe com 20% de trabalhadores de rendimentos superiores, até chegar ao valor médio do rendimento das 20% trabalhadores com os maiores rendimentos. A partir da definição dos valores médios de cada quinto de rendimento para o total de trabalhadores migrantes, aplicou-se essa estrutura para os continentes e países, o que permitiu avaliar se um país, por exemplo, possui mais ou menos de 20% de trabalhadores em cada quinto de rendimento.



Entre os países latino-americanos, o Haiti apresentava, em 2018, apenas 0,1% de seus trabalhadores dentre aqueles com os maiores rendimentos, enquanto cerca de 50% dos venezuelanos se concentravam na classe de menores rendimentos. Por outro lado, 76,5% dos trabalhadores franceses e 69,3% dos alemães situavam-se no quinto de rendimentos mais elevado.

Passando-se à análise por cor ou raça, observa-se que, em 2018, mais de 70% dos trabalhadores de cor preta

estão concentrados nas faixas de rendimento com até dois salários mínimos, ao passo que entre a população de cor branca e amarela esse percentual foi de, respectivamente, 35,6% e 28,2%. Já entre os trabalhadores que ganham mais de 10 salários mínimos, há 26,0% de brancos e apenas 0,6% de trabalhadores de cor preta. No caso dos amarelos, a proporção de trabalhadores que recebem mais de 10 salários mínimos chega a 34,2% (Tabela 5).

Tabela 5
Número absoluto e distribuição percentual de trabalhadores imigrantes no mercado formal de trabalho, segundo classes de salários mínimos, por cor ou raça
2018

Classes de Salário Mínimo	Total		Amarela		Branca		Indígena		Parda		Preta	
	(n. abs.)	(%)										
Total	136.329	100,0	3.949	100,0	49.444	100,0	474	100,0	19.266	100,0	45.065	100,0
< 1	5.598	4,1	101	2,6	1.925	3,9	11	2,3	933	4,8	1.668	3,7
1 --2	68.707	50,4	1.014	25,7	15.667	31,7	153	32,3	10.049	52,2	31.741	70,4
2 --3	22.677	16,6	480	12,2	7.207	14,6	74	15,6	2.821	14,6	9.306	20,7
3 --5	9.232	6,8	388	9,8	5.009	10,1	45	9,5	1.485	7,7	1.273	2,8
5 --10	8.593	6,3	524	13,3	5.475	11,1	41	8,6	1.367	7,1	219	0,5
10 --20	9.744	7,1	551	14,0	6.465	13,1	87	18,4	1.396	7,2	198	0,4
20 --	9.086	6,7	797	20,2	6.383	12,9	55	11,6	866	4,5	93	0,2
Não informada	2.692	2,0	94	2,4	1.313	2,7	8	1,7	349	1,8	567	1,3

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2010 e 2018.

Cabe ressaltar que houve queda do rendimento médio dos trabalhadores imigrantes ao longo da série analisada, o que se deve, em grande parte, à maior entrada de trabalhadores inseridos em postos de menores qualificações e rendimentos. Em 2018, o rendimento médio dos trabalhadores da produção de bens e serviços industriais e dos trabalhadores nos serviços de reparação e manutenção, por exemplo, equivaliam a 52,9% e a 54,0% do rendimento destas ocupações em 2010. Por outro lado, diretores e gerentes tiveram cerca de 20% de aumento do rendimento médio entre 2010 e 2018. No geral o

rendimento médio de 2018 era de cerca de 57,0% do rendimento de 2010 e correspondia a 80,9% do rendimento médio de 2014 (Tabela 6).

Em 2018, a redução do rendimento médio do trabalhador formal imigrante chegou a 8,2%, em relação ao ano anterior, tendo sido notada majoritariamente nas ocupações de serviços administrativos. Por outro lado, Diretores e gerentes, Trabalhadores agropecuários, florestais, da caça e pesca e Trabalhadores de manutenção e reparação, apresentaram recuperação dos rendimentos médios em relação a 2017 (Tabela 6).

Tabela 6
**Rendimento médio real e razão de rendimentos dos trabalhadores imigrantes,
segundo grandes grupos ocupacionais**
2010, 2014 e 2018

Grupos Ocupacionais	Rendimento médio mensal (R\$)				Razões de rendimento (%)		
	2010	2014	2017	2018	2018/2010	2018/2014	2018/2017
Total	10.192	7.243	6.385	5.860	57,5	80,9	91,8
Membros das Forças Armadas	-	11.238	-	9.994	-	88,9	-
Diretores e Gerentes	23.406	23.467	27.235	28.128	120,2	119,9	103,3
Prof. Ciências e Intelectuais	11.745	12.042	11.514	11.440	97,4	95,0	99,4
Técnicos de nível médio	6.572	6.707	6.403	6.150	93,6	91,7	96,1
Trab. de serviços administrativos	5.180	4.007	3.252	2.806	54,2	70,0	86,3
Trab. Serviços e vendedores	2.317	1.964	1.746	1.701	73,4	86,6	97,4
Trabalhadores Agrop., florest. e pesca	1.694	1.675	1.593	1.667	98,4	99,5	104,7
Trab. Prod. Bens e Serv. Industriais	3.440	2.100	1.908	1.819	52,9	86,6	95,3
Trab. Serviços repar. e manutenção	5.464	4.257	2.817	2.948	54,0	69,3	104,6

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2010 e 2018.

Considerações Finais

Ao longo desta publicação procurou-se mostrar que os quase dez anos de série de informações analisadas apontaram para mudanças intensas não apenas no volume de trabalhadores imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro, mas, especialmente, no perfil deste trabalhador. Neste sentido, cabe ressaltar, que houve transição da situação de 2010, onde predominava proporção elevada de trabalhadores imigrantes com pelo menos o nível superior completo, inserção em grupos ocupacionais de maior qualificação, faixa de idade mais elevada e com forte presença no estado de São Paulo. A configuração atual mostra proporção elevada de trabalhadores imigrantes com até o nível médio completo, com participação significativa daqueles com até o ensino fundamental completo. Por outro lado, o peso daqueles com nível superior completo caiu de forma expressiva.

Da mesma forma notaram-se mudanças na inserção destes trabalhadores na estrutura ocupacional, com aumento do peso das ocupações de natureza técnica e redução da participação de ocupações de maior qualificação, como profissionais das ciências e intelectuais e diretores e gerentes. Esta dinâmica foi acompanhada por um rejuvenescimento da mão de obra imigrante e pelo crescimento da participação dos estados da Região Sul do país enquanto receptores destes trabalhadores. Por outro lado, e como consequência dessas mudanças estruturais, houve queda no rendimento médio dos trabalhadores imigrantes ao longo da série analisada.

O estudo também mostrou que segmentos específicos dos trabalhadores, como aqueles de cor preta, mulheres, nacionais de países africanos e boa parte dos latino-americanos estão mais representados dentre as ocupações menos qualificadas e, em alguns casos, nas



classes com menores rendimentos e com menores níveis de instrução.

Por fim, cabe apontar que a ampliação do volume de entrada desses trabalhadores no mercado formal de trabalho brasileiro ao longo da série analisada teve forte participação dos imigrantes haitianos, cujo

elevado volume, associado ao perfil desta força de trabalho, permite inferir que os mesmos influenciaram consideravelmente no movimento de transformações estruturais nas características dos trabalhadores imigrantes.

Referências Bibliográficas

CODACE. Comitê de Datação de Ciclos Econômicos. Rio de Janeiro: Agosto de 2015. Disponível em: file:///C:/Users/andre.simoes/Downloads/Comite%20de%20Datacao%20de%20Ciclos%20Economicos%20-%20Comunicado%20de%204_8_2015%20(2).pdf.

Handerson, Joseph (2014) A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O brasil como novo espaço migratório. In Cavalcanti, L. et al. A imigração haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na Região Sul e no Distrito Federal. Observatório das Migrações Internacionais, Brasília-DF.

SÍNTESE de indicadores sociais 2018: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. 151 p. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 39). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=23289&t=publicacoes>.

OLIVEIRA, A.T.R. (2016). A inserção dos estrangeiros no mercado de trabalho formal: o que nos diz a RAIS? In: CAVALCANTI, L., OLIVEIRA, T., ARAUJO, D. (Org.) A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2016. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2016.

SIMOES, A (2018). A inserção dos migrantes qualificados no mercado de trabalho formal brasileiro: características e tendências. In: Cavalcanti, L; Oliveira, T., Macedo, M. Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil. Relatório Anual 2018. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2018.